

Sessão Coordenada 53 - **HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: CONCEPÇÕES DE PSICOLOGIA E SUAS RELAÇÕES COM A SUBJETIVIDADE**

LEV VYGOTSKI E JEAN PIAGET: O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM A CONCEPÇÃO DE SUJEITO. *Isabelle de Paiva Sanchis (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG)*

Em O significado histórico da crise da Psicologia, de 1927, Vygotski afirmou que a psicologia se encontrava entre um idealismo abstrato e um materialismo reducionista, e que, além disso, um dos principais problemas no qual a psicologia tinha entrado tinha sido achar que para legitimar o “psíquico” como objeto próprio seria preciso de alguma forma separá-lo do processo global do qual faz parte. Nesse mesmo texto, explicita a necessidade de criação de uma psicologia geral, não para diferenciá-la do trabalho psicológico anterior, mas que fosse capaz de uni-lo em um só conjunto sobre uma nova base. Em seguida, define com melhor precisão sua concepção de pedologia, ciência da criança, e alguns elementos de sua proposta podem ser pensados como respostas aos problemas detectados por ele no campo psicológico. A pedologia não poderia ser apenas uma ciência da criança, ela deveria ser capaz de apreender o processo dinâmico de seu desenvolvimento, pois justamente o desenvolvimento seria um qualificativo do objeto dessa ciência (a criança), a sua particularidade. Piaget também considerou insuficiente a caracterização do pensamento infantil, buscando encontrar as formas de apreensão do seu processo de constituição. Tratou da construção necessária do conhecimento, intimamente ligada à também necessária construção do sujeito. Vários questionamentos e propostas são comuns aos dois autores. A preocupação com a relação entre a hereditariedade e o meio, e a crítica às concepções tanto apriorista quanto behaviorista do desenvolvimento; a concepção monista (ou de continuidade) e ao mesmo tempo antireducionista dos processos inferiores e superiores, com a negação de que seja possível reduzir os níveis superiores de organização aos inferiores tanto quanto atribuir características dos níveis superiores aos inferiores; a compreensão da hereditariedade como condição de possibilidade do desenvolvimento, contendo, ao mesmo tempo, as condições de sua própria superação; a consideração de que não apenas a criança é qualitativamente diferente do adulto, como também são qualitativas as diferenças em cada etapa do seu desenvolvimento, dando-se através de reestruturações necessariamente globais; a novidade como um elemento essencial do desenvolvimento. Visto dessa forma, o estudo do desenvolvimento infantil, para Vygotski e Piaget, não teria se dado apenas em função de uma escolha de área, mas também da sua necessidade para se pensar no sujeito. Assim, para além de uma oposição muitas vezes encontrada, entre um sujeito social e histórico, de um lado, e um sujeito racional e universal, de outro, podemos aproximar as concepções de sujeito dos dois autores através de seu elemento essencial, justamente a característica de tornar-se sujeito.

Lev Vygotsky; Jean Piaget; desenvolvimento da criança; subjetividade.

Fapemig

Pós-Doutorado - PD

HIST - História em Psicologia

HUSSERL, DILTHEY E A DIVISÃO ENTRE PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA NATURAL E PSICOLOGIA COMO CIÊNCIAS HUMANAS. *Sávio Passafaro Peres (Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP)*

Segundo Husserl (1859-1938), Dilthey será lembrado como um dos maiores cientistas socioculturais do século XIX, devido à sua capacidade incomparável para explorar a vida concreta da mente, seja no nível individual, seja no nível social. Em virtude de seu olhar aguçado ao mundo cultural, Dilthey (1833-1911) pôde perceber, no final do século XIX, que a nova psicologia naturalista, que havia surgido a partir da aplicação à esfera do espírito dos métodos naturais desenvolvidos a partir de Galileu, era incapaz de dar um tratamento satisfatório aos fenômenos histórico-culturais. Seguindo outra via, Dilthey estava particularmente interessado em uma crítica da razão capaz de propiciar o fundamento epistemológico das ciências culturais. Dilthey percebeu que a psicologia moderna pouco satisfazia as ciências socioculturais e que todos os movimentos de reforma da lógica e da teoria do conhecimento eram unilateralmente determinados pelos métodos e pelos princípios vigentes nas ciências naturais. Em qual extensão a nova psicologia fisiológica e experimental poderia servir de fundamento às ciências humanas (*Geisteswissenschaften*)? A resposta de Dilthey era clara. Em 1894, em sua obra *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica*, Dilthey defendeu que a psicologia, tomada como ciência natural, era incapaz de tratar dos fenômenos histórico-culturais, mas que uma psicologia, entendida como ciência humana, que empregasse o método analítico e descritivo, seria capaz de tal abordagem. A razão disso é que as ciências naturais buscam explicar, isto é, encontrar conexões causais entre fenômenos. Mas isso pressupõe uma regularidade, a qual não se encontra nos fenômenos históricos. Ao contrário, a psicologia que Dilthey propõe fundamenta-se não no explicar, mas no entender (*verstehen*), ou seja, na apreensão, por meio de um processo empático, das motivações subjacentes a um determinado fenômeno cultural. Não conseguimos, por exemplo, explicar as causas da revolução francesa, mas podemos compreender os seus motivos, ao colocarmo-nos no lugar de seus agentes. Nas *Lições sobre Psicologia fenomenológica* de 1925, Husserl afirma que, após Dilthey ter publicado *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica*, teve início uma divisão de águas na psicologia alemã. Por um lado, uma psicologia caracterizada por originar-se do método experimental e da fisiologia, por outro lado, uma psicologia concebida com outros métodos e para fins radicalmente distintos: o de embasar as ciências do espírito. Este trabalho tem como objetivo expor alguns elementos desta obra de Dilthey e mostrar alguns aspectos de sua relação com a fenomenologia de Husserl.

Edmund Husserl, Wilhelm Dilthey, fenomenologia, psicologia descritiva e analítica.

Fapesp

Pós-Doutorado - PD

HIST - História em Psicologia



INTERFACES DA PSICOLOGIA SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA HISTÓRICA.

Maria Fernanda Costa Waeny (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP)

Psicologia histórica é um termo muito citado na literatura científica mundial. A primeira ocorrência de que se tem notícia, até o momento, data de 1833 - ela foi inicialmente mencionada em um verbete sobre a alma, no Dicionário de conhecimentos úteis. Desde esta primeira menção, o termo tem sido usado de modo recorrente ao longo do tempo e nas diferentes áreas de conhecimento. Neste panorama de menções podem-se destacar dois períodos nos quais a psicologia histórica foi usada também no título de livros: um deles entre 1896 e 1909, outro entre 1947 e 1965. Assim, pode-se afirmar que a psicologia histórica tem sido mencionada desde 1833, que o primeiro título data de 1896, e que desde estas primeiras ocorrências o termo tem sido referido sob estas duas diferentes formas, em diversas áreas de conhecimento e sob diferentes acepções. Identifica-se Ignace Meyerson (1888-1983) como o autor mais sistemático e produtivo em psicologia histórica. Em 1947 defendeu a tese *Les fonctions psychologiques et les oeuvres*, marco para sua proposta em psicologia histórica; entre 1951 e 1983 regularmente proferiu cursos na École Pratique des Hautes Études/École des Hautes Études en Sciences Sociales; em 1951 fundou o Centre de Recherches de Psychologie Comparative e organizou três colóquios interdisciplinares (*Problèmes de la personne*, *Problèmes de la couleur*, *Les signes et les systèmes de signes*). Além disso, Ignace Meyerson, caso único diante dos demais autores em psicologia histórica, tem sido tema de pesquisas (nível mestrado e doutorado), artigos e demais escritos científicos, homenagens e coletâneas. O que se pretende nesta apresentação é mapear as áreas de conhecimento em que a psicologia histórica tem sido mencionada, sendo já possível citar, preliminarmente, áreas como História, Fisiologia, Psicopatologia, Psicologia Social e Artes, todas com menções à psicologia histórica. Para mapeá-las, serão apresentados alguns dos autores que utilizaram o termo, sua respectiva área de conhecimento e como definem a psicologia histórica, com especial destaque à proposta de Ignace Meyerson. Por fim, será feita uma relação entre a recorrência de uso do termo e contextos históricos específicos, de modo a formar um todo coerente que ultrapasse a simples repetição de usos do termo, a fim de fornecer um conjunto mais coerente de menções à psicologia histórica, do ponto de vista histórico e conceitual.

Ignace Meyerson; psicologia histórica; interdisciplinaridade
não há

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

O SURGIMENTO DO EU/PESSOA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DA PESSOA CONCRETA DE HENRI WALLON. *Dener Luiz da Silva (Departamento de Psicologia/LAPIP, Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei - MG)*

Professor de filosofia, neuropediatra e psicólogo, Henri Wallon produziu, ao longo de seus mais de 80 anos de vida, uma teoria psicológica que busca explicar a gênese da individualidade – nomeada por ele como Pessoa ou Eu - a partir de um olhar materialista histórico e dialético. Interessou-se também por Educação, pela prática da psicologia e pela contribuição desta disciplina para uma sociedade pautada por igualdade, democracia e ética. Uma vez se disse que “dos médicos psicólogos, Wallon é o mais médico”, mas não para acentuar o fato de, em sua teoria, dar ênfase exclusiva ao corpo ou à organicidade, senão para assinalar sua maneira de trabalhar: manteve-se clinicando até bem próximo dos últimos dias de sua vida. Wallon é um teórico de difícil leitura. Isso se dá nem tanto por seu vocabulário (onde se mesclam as diversas disciplinas nas quais transitava), mas, sobretudo, pelo raciocínio que impõe aos leitores. Em seus escritos prefere seguir as divergências, contradições, exigindo que nos apropriemos do raciocínio dialético, não tão habitual para a concepção cartesiana. Com relação à polêmica discussão sobre a natureza e a origem da individualidade humana, Wallon irá preferir negar as teses da primazia do eu, da primazia do instinto ou ainda a concepção empirista. Assim, quando procura traçar o caminho pelo qual passa cada ser humano para a gênese do Eu ou da Pessoa, Wallon irá mostrar como, de um não-eu - indiferenciação entre eu-outro - passa-se, aos poucos, e não sem a necessária presença dos conflitos e contradições, para um eu orgânico, incorporado, até chegarmos à diferenciação posterior, quando já podemos separar o eu do não-eu (outro) sem, contudo, esperar que aí – geralmente na idade adulta – tenhamos uma distinção binária ou de contornos inequívocos. De fato, segundo este autor, todo adulto traz consigo, em sua formação pessoal, a “sombra” ou o “fantasma” do outro que lhe foi necessário para, de um lado, a identificação e, do outro, a separação. O socius, ou outro dado pelo social, é ainda um terceiro elemento que joga papel importante na relação dialética que culminará em uma estabilidade da pessoa. Ele permanecerá “latente” ou como “pano de fundo” e acabará por determinar as reações concretas entre o eu e os outros. Confusão ou sincretismo, confronto, repulsão, oposição patente, identificação são, portanto, caminhos percorridos para o surgimento do Eu. A trajetória é longa e repleta de alternâncias, e jamais totalmente terminada, pois o outro pode, em estados patológicos, tomar a frente e vencer o eu.

psicogênese; eu-outro; socius

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia